

ISSN: 1517-7238

Vol. 12 nº 23

2º Sem. 2011

p. 173-186

**A CONTENÇÃO DE PALAVRAS E AÇÕES
PERANTE O PODER: EFEITOS AO SER
HUMANO REPRESENTADOS NO
TESTEMUNHO DO ROMANCE SEM
PALAVRAS**

**THE CONTENTION OF WORDS AND
ACTIONS BEFORE THE HUMAN POWER:
EFFECTS TO BE REPRESENTED IN THE
TESTIMONY OF ROMANCE SEM
PALAVRAS**

Carla Luciane Klôs Schöninger ¹

¹ Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- Área de concentração Literatura. Pós-Graduada em Língua e Cultura Inglesa pela URI, Frederico Westphalen. Graduada em Letras: Português, Inglês e respectivas literaturas. Acadêmica do curso Graduação em Espanhol pela UFPEL. Professora de Língua Inglesa.

RESUMO: O presente artigo investe no estudo investigativo da representação dos efeitos da contenção de palavras e ações do ser humano perante o poder. Tais efeitos são representados no testemunho da obra *Romance sem palavras* de Carlos Heitor Cony. Neste texto, o autor instaura elementos de repressão política. Numa época em que o regime ditatorial vigorava em terras brasileiras. O objetivo deste artigo é destacar um conjunto de fragmentos da narrativa evidenciados pelo testemunho e vivência do protagonista. Apesar de esta ser uma produção de caráter ficcional, como o próprio título já diz, há um verdadeiro jogo entre o real e o imaginário, já que o próprio autor da obra viveu a realidade da ditadura.

PALAVRAS-CHAVE: Confinamento, real/imaginário, testemunho.

ABSTRACT: This Article invests in the investigative study on the representation of the contention's effects of words and actions from human beings front of power. Such effects are represented in the testimony of *Romance sem palavras* by Carlos Heitor Cony. In this text, the author introduces elements of political repression. At a time when the dictatorial regime in force in Brazilian lands. The aim of this article is to highlight a set of fragments of narrative evidenced by the testimony and experience of the protagonist. Although this is a fictional production, as its title implies, there is a real game between the real and imaginary, since the own author lived the reality of dictatorship.

KEYWORDS: Confinement, real/imaginary, testimony.

O texto literário *Romance sem palavras* traça através de seu protagonista Beto, representações do confinamento ao ser humano, nos terríveis anos da repressão da ditadura. Anos em que, o próprio autor da obra teria sido preso seis vezes devido à censura de suas produções e por participar de manifestações coletivas. Os fragmentos extraídos do romance exemplificam momentos vivenciados pelo protagonista e também testemunhados por ele. Tais representações literárias sugerem o poder das palavras e ações tanto em momentos reais quanto na elaboração imaginária.

As reflexões desencadeadas a partir das relações entre a ficção e a realidade pretendem dedicar-se ao estudo dos textos entre si no tempo e dos textos com seus contextos históricos. Antonio Candido postula que se pode entender a obra literária "fundindo texto e contexto numa interpretação

dialeticamente íntegra”. (CANDIDO, 2000, p.06) Texto e contexto são integrados ao texto *Romance sem palavras*, pois esta obra aborda a ditadura como fato que aconteceu na realidade, sendo vivida e testemunhada pelo próprio autor, o que envolve suas causas e efeitos, bem como elementos que são próprios da constituição ficcional, como os casos amorosos mencionados. Por trás destes, os efeitos da ditadura se revelam. Tais aspectos são apresentados por Carlos Heitor Cony em duas partes distintas: Primeiro tempo, em que se enfatizam as torturas, clandestinidade e perseguições do governo e o segundo tempo, tratando das modificações que ocorreram nos personagens após a ditadura, bem como o romance que envolvia os personagens.

A obra *Romance sem palavras* é narrada em descontinuidade temporal, com *flashbacks*, em que o narrador-protagonista situado no presente no ano de 1995 recompõe sua história dos anos 60 e 70 quando fora preso no governo ditatorial “a ditadura seria longa e progressivamente cruel”. (CONY, 2008, p.12) Assim, a narrativa literária de Carlos Heitor Cony, através do narrador/protagonista Beto, estabelece um discurso construído à luz de seu próprio passado. O romancista foi preso durante o regime militar brasileiro dos anos 60. Os fatos vivenciados e testemunhados por ele nessa época marcada pela opressão lhe inspiraram para a elaboração desse romance, o que empresta à obra um caráter verossímil.

Em 1965 escreveu uma crônica atacando o Ato Institucional nº. 2. Tal fato gera um atrito entre a direção do jornal Correio da Manhã e a redação. Cony demite-se. É convidado pela TV Rio para escrever uma novela sobre a baixa classe média do Rio, ex-capital do país. O programa foi ao ar entre março e abril daquele ano, contando com Eva Wilma e John Herbert à frente do elenco e a direção de Antonino Seabra. Após 37 capítulos, problemas com a censura fazem com que o escritor seja substituído por Oduvaldo Viana. É preso, juntamente com Mário Carneiro, Glauber Rocha e Joaquim Pedro de Andrade, o embaixador Jaime Azevedo Rodrigues, o diretor teatral Flavio Rangel e os jornalistas Antônio Callado e Marcio Moreira Alves, quando

participava de uma manifestação em frente ao Hotel Glória, no Rio de Janeiro. O grupo, que ficou conhecido como “Oito do Glória”, foi detido pela Polícia do Exército, em cujo quartel ficou prisioneiro. Esta seria a primeira das seis prisões do escritor por motivos políticos. (NOGUEIRA, 2010, p.02)

Dessa forma, no romance que utiliza estratégias da literatura de testemunho, os textos narram a experiência de envolvimento em ações revolucionárias, numa reconstituição da história de um ou mais sujeitos indicados pela sua importância, num determinado contexto social.

Segundo Valéria de Marco “a matéria do testemunho trata exatamente das impossibilidades de reconstrução da harmonia perdida, da destruição de parâmetros de estruturação social, da perda de referenciais de identidade, da perda de confiança no mundo”. (DE MARCO, 2004, p. 54) Ao ler *Romance sem palavras*, é perceptível, já na sua introdução, a situação do protagonista no cárcere, evidenciando o trauma dos momentos por ele vivenciados no tempo passado:

Ainda que viva cem, mil anos, não esquecerei aquele dia em que, deitado no leito miserável da cela B17, a porta se abriu e dois soldados empurraram um corpo que logo se estatelou no chão de ladrilhos. De início, nem parecia um corpo [...] que desabou e, estranhamente, não fez nenhum ruído quando caiu. Ou, quem sabe, o espanto – seria melhor dizer: o medo – não me deixou ouvir nada. Todos os meus sentidos ficaram resumidos no olhar - um olhar que procurava entender não o que estava vendo mas o que ainda poderia ver. [...] Sempre que aquela porta se abria, alguma coisa poderia acontecer comigo [...] a porta só abria a noite, para mais um interrogatório. Já tudo havia respondido, o que sabia e o que não sabia, minhas informações estavam sendo checadas, se elas não fizessem sentido ou fossem julgadas insuficientes, eu começaria a ser torturado. (CONY, 2008, p.11)

O narrador fora preso pela primeira vez em 1968 e novamente em 1975, devido a uma delação infundada dos adversários do movimento estudantil. No cárcere, além de

ele mesmo sofrer com as consequências da ditadura e do confinamento, ou seja, com as limitações impostas, Beto testemunha a tortura e o sofrimento de muitos presos, também salva o padre Jorge Marcos depois de ouvir seus gritos noturnos na prisão. Vê o corpo deste ensanguentado e estirado no chão: “não era um corpo ali tombado, mas um troço de carne ferida e, dentro dela, um enigma que eu nunca decifraria, nem mesmo agora, tantos anos passados”. (CONY, 2008, p.13)

A narrativa envolve três personagens principais, Beto, o narrador-personagem, Jorge Marcos e Iracema, “nas pequenas operações da luta clandestina contra a ditadura”. (CONY, 2008, p. 15) Beto relembra o movimento estudantil de 68, em que houve uma manifestação contra a má qualidade do ensino, os estudantes foram violentamente reprimidos pela polícia. “Ainda que passasse a eternidade procurando um motivo para a prisão, achei mais urgente tentar adivinhar para onde me levavam. Sabia que muita gente desaparecia sem deixar rastros, alguns conseguiam ser localizados semanas após, outros não, sumiam para sempre”. (CONY, 2008, p. 24)

A história designa ao mesmo tempo a dinâmica da literatura e o contexto da literatura. Como forma de representação do “real” no texto, sublinha-se a literatura de testemunho. Márcio Seligmann Silva destaca essa forma de expressão como mais do que um gênero. O autor a define como uma face da literatura que retoma a época de catástrofes num questionamento sobre o compromisso com a verdade.

Silva destaca que a testemunha, aquela pessoa que sobreviveu a um fato e viu a morte e o sofrimento de perto, passa a mobilizar os leitores, repassando ao leitor uma maior autenticidade do texto, obtendo mais veracidade. A obra de testemunho remete a algo que de fato ocorreu, não é invenção, mas sim narração. No momento em que se pensa em literatura de testemunho, é indispensável que se repense sobre a História e sobre o fato histórico.

Na literatura de testemunho não se trata mais de *imitação* da realidade, mas sim de uma espécie de ‘manifestação’ do ‘real’. É

evidente que não existe uma transposição imediata do 'real' para a literatura: mas a *passagem* para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é marcada pelo 'real' que resiste à simbolização. Daí a categoria do *trauma* ser central para compreender a modalidade do 'real'. Se compreendemos o 'real' como trauma - como uma 'perfuração' na nossa mente como uma ferida que não e fecha- então fica mais fácil de compreender o porquê do redimensionamento da literatura diante do evento da literatura de testemunho. (SILVA, 2003, p.387)

Através do narrador-protagonista, o Beto, Carlos Heitor Cony traça analogias e comparações entre passado e presente. Com a derrota do movimento revolucionário, o fim do regime militar e mudança para a democracia, os personagens foram inseridos em um mundo burguês.

Deste modo, para a explicação histórica deve haver o reconhecimento da relevância do simbólico no interior desta realidade. Um confronto com as representações é então acentuado. Observa-se que toda a história literária repousa na diferenciação elementar entre o texto e o contexto. Jacques Le Goff, (LE GOFF, 1996, p.12) ao tratar das várias dimensões da história, destaca que o caráter "único" dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fizeram da história um gênero literário, uma arte e ao mesmo tempo uma ciência.

Nessa perspectiva, uma obra literária pode ser constituída de elementos que são parte da realidade. Antoine Compagnon (COMPAGNON, 2001, p. 223) dá relevo à seguinte frase "A história é um romance que foi; o romance é a história que poderia ter sido". Assim, realidade e ficção interligam-se em determinadas composições textuais.

A narrativa histórica situa-se na capacidade de reinscrever o passado no presente. A proximidade entre a narrativa histórica e a narrativa ficcional se vale de forma mais declarada nos fatos históricos. O discurso é o elemento mediador que passa a substituir o acontecido, numa ocupação imaginária. Nesse encadeamento discursivo, o texto apresenta

diferenças entre o real e o não real, em que a força do imaginário está presente, dotado de um “efeito de realidade” mobilizador.

Vários são os fragmentos do romance de Carlos Heitor Cony em que há a representação da repressão, tortura e contenção de palavras e ações do ser humano como resultado do regime ditatorial. Tais aspectos ocorrem pela vivência e pelo testemunho dentro da ficção:

a) “Das entranhas da garagem surgiu uma Kombi de cor creme, de dentro dela saltaram mais três desconhecidos”. (CONY, 2008, p. 22);

b) “Fiz o que me competia: um exame de consciência para saber onde, quando e em que medida eu havia feito alguma coisa que explicasse a violência que começava a sofrer”. (CONY, 2008, p. 23);

c) “Levaram-me para uma cela estreita, de dois metros por um e meio. Sem janela, a porta blindada[...]”. (CONY, 2008, p.24);

d) “Descobri que fossem quais fossem os motivos de minha prisão, a partir dali eu ficaria mais enalacrado. Eles (tenho de me referir a “eles” porque, na verdade, não sabia exatamente quem eram nem o que pretendiam)”. (CONY, 2008, p. 46);

e) “Quando fui solto, abri uma trégua no meu medo. Ficava livre da B17, do catre, da lâmpada imunda, mas continuaria prisioneiro do meu ódio”. (CONY, 2008, p.60);

f) “Fora preso, mas não chegara ser torturado. Contudo, durante as noites na cela B17 ouvira os gemidos e gritos, e se conseguira me habituar ao catre, à lâmpada empoeirada, à bica d’água lá em cima, jamais me habituaria aos gritos que ouvia, urros de animais sacrificados na caverna de uma pré-história na qual eu não poderia supor que um dia chegasse a penetrar”. (CONY, 2008, p.60);

g) “[...] localizar o fio que saía do pênis de Jorge Marcos e retirá-lo com cuidado pra que doesse o menos possível”. (CONY, 2008, p.25);

h) “era outro o recurso para sumir com o corpo daqueles que morriam durante as sessões de tortura”. (CONY, 2008, p. 47);

i) “Ele me olhou, espantado, percebi que também se esforçava para entender o que estava acontecendo. Além das marcas no corpo, não podia esconder a confusão mental que se segue a cada sessão de tortura, confusão que às vezes perdura para sempre”. (CONY, 2008, p. 45)

Observa-se que dos fragmentos: a) até e) estão diretamente vinculados à própria vivência do protagonista. O discurso sublinha seu desapontamento, medo, desconhecimento e sofrimento diante da repressão da ditadura, ele não podia falar o que pensava e ao mesmo tempo manifestar-se contra tanta injustiça. Sentia-se incapacitado de qualquer ação. Do item: f) até i) estão evidenciados momentos em que o protagonista testemunha ações, vê torturas e as consequências dela, sente piedade dos homens que sofrem pelas mãos de outros homens.

Identifica-se também, em alguns trechos, o modo como as mobilizações e ações clandestinas eram articuladas. Estas são as causas das repressões, torturas e perseguições. Tem-se à exemplo:

a) “Bastava o nome pelo qual nos ligávamos nas pequeninas operações da luta clandestina contra a ditadura”. (CONY, 2008, p.15);

b) “um grupo de estudantes ligado a um dos muitos movimentos revolucionários mandara representantes ao debate na PUC, na missão de descobrir possíveis adesões à luta contra a ditadura”. (CONY, 2008, p. 54);

c) “cada ação do novo regime correspondia a reação proporcional, sendo a recíproca verdadeira. Aos poucos, o hiato se tornou regra e a violência do regime atingiu um ponto em que ficar quieto seria uma forma de cumplicidade”. (CONY, 2008, p. 59);

d) “Não poderíamos ir diretamente, sempre haveria o risco de sermos seguidos, as regras que vigoram na clandestinidade são complexas, exageradas, mas não deixam

de ser ridículas". (CONY, 2008, p. 69);

e) "Não podia considerá-los amigos. Não sei quem inventou a palavra companheiro, mas era isso que melhor definia a nossa relação". (CONY, 2008, p.83)

As ações eram bem organizadas e muitas eram secretas. Os nomes não mais importavam, não havia medo de reivindicar, quem se calava era como se estivesse a favor da ditadura, no entanto percebia-se que calar, seria o melhor refúgio, já que diante do uso da palavra, havia a certeza da prisão, perseguição e a incerteza quanto à sobrevivência. Quem se engajava na causa estava disposto a correr riscos. Após verificar os riscos das pessoas envolvidas, as causas da repressão, tortura e perseguição, e como aconteciam na ditadura, destaca-se a representação dos efeitos desta contenção ao ser humano:

a) "Eu me sentia menos homem na proporção em que via o resultado do que um homem pode fazer com outro homem". (CONY, 2008, p.46);

b) "Ele não comprometeria o seu sacerdócio, sua batina, pelo povo vietnamita que sofria os ataques de armas incendiárias numa agressão genocida. Mas pelos milhares de seres humanos que estavam sofrendo nas prisões brasileiras, por culpa de autoridades brasileiras, pela indiferença de milhões de brasileiros". (CONY, 2008, p.54);

c) " [...] somos o que somos exatamente porque passamos por aquilo tudo...". (CONY, 2008, p.55);

d) " Sabia que os homens são homens, independentemente das boas ou más causas que abraçam. E em nome delas estão dispostos a matar ou a morrer". (CONY, 2008, p.95);

e) A epígrafe do "Primeiro tempo" do livro se dá com uma citação de Shakespeare extraída da peça teatral Othelo: *But men are men; the Best sometimes forget. (Mas homens são homens; os Melhores as vezes esquecem disso);*

f) "Sim, lá estava ela, *men are men*, os melhores homens muitas vezes se esquecem deste lugar-comum nas embrulhadas da condição humana [...] homens são homens para o bem ou para o mal, geralmente para as duas coisas juntas, porque no

dia-a-dia elas comumente se misturam”. (CONY, 2008, p.97);
g) “Somos uma geração desperdiçada”. (CONY, 2008, p.98).

No momento em que se enfatizam os efeitos da contenção ao ser humano, através do *Romance sem palavras*, é perceptível a decepção do protagonista com as atitudes do próprio ser humano, que foge de sua humanidade ao ter ações animais e brutais. A decepção é ainda demonstrada por ver que algumas pessoas simplesmente permanecem indiferentes diante desta situação e decepção por ver que o mal e o bem se misturam, mas que muitas vezes o mal se sobrepõe no homem. Observa-se também que os fatos vividos ou testemunhados pelos personagens prevalecem na memória, sendo algo que se fixou, mesmo com o passar dos anos. O próprio protagonista deixa clara a sua visão de que sua personalidade e a da de seus amigos fora resultado desta época. Além disso, refere-se a sua geração como desperdiçada, pois percebeu que de nada valeu tanto esforço e sofrimento.

Ao resgatar os infortúnios de sua geração, o protagonista procura compreender a contemporaneidade de seu país. Na narrativa, as memórias de Beto e seus amigos fazem menção à transformação social, à transformação política, às modificações na personalidade e os traumas que permaneceram. Ao se referir à transformação social tem-se à exemplo: “Sobraram alguns episódios de lado a lado, atentados aqui e ali, curiosamente provocados por ambas as partes. Remanescentes de repressão, inconformados com a progressiva trégua, agiam por conta própria, tentando manter o clima de guerra civil”. (CONY, 2008: 84) A sociedade mudou, os vestígios estavam muito presentes, atentados tanto por parte do governo, quanto por parte dos brasileiros, mas este segundo grupo era sempre reprimido. Quanto à transformação política: “O governo ameaçava uma abertura ainda tímida, os esquemas da subversão e da repressão, por diferentes motivos”. (CONY, 2008: 75) Ao governo, os motivos de reprimir e conter as pessoas eram múltiplos: denúncias, suspeitas, possíveis envolvimento, escrita, fala, participação em mobilizações. O

governo preocupava-se somente com isso, deixando de lado, os objetivos que seriam da entidade governamental; ações para o bem da população nos diversos setores.

Em referência à personalidade e ao trauma vividos pelos personagens no momento e após o período de lutas que estavam envolvidos, cita-se: "Não mudamos o mundo. Ameaçamos muitas coisas mas nada construímos. Na impossibilidade de mudar alguma coisa, o máximo que conseguimos foi mudar-nos a nós mesmos". (CONY, 2008, p.98) A decepção é tamanha, pois mesmo com tanto esforço e luta por mudanças na sociedade, nada disso ocorreu, o que aconteceu, foram transformações nas pessoas envolvidas e traumas que permaneceram em suas memórias. Neste sentido, através dos fragmentos da obra fica evidente a abordagem que o autor traz em relação aos variados aspectos, desde sociais até individuais.

Além disso, o protagonista profere em seu discurso o temor frente à impossibilidade de reação e perda da noção do tempo:

Aquela noite passou, passaram outras noites, quantas não sei, perdera a noção do tempo, a luz que vinha da lâmpada empoeirada me confundia, eu só sabia que já era noite quando a bandeja giratória se movimentava e vinha uma sopa e um pedaço de pão. Pela amanhã, ou por aquilo que julgava manhã, vinha uma caneca encardida de café e outro pedaço de pão. (CONY, 2008, p.49)

Essas referências que permaneceram na memória de Beto fazem alusão aos conflitos psicológicos ocasionados pela terrível experiência no cárcere, o que influenciou na personalidade e na vida dos personagens. Tais elementos repercutiram no presente narrativo. Walter Benjamin situa a memória como núcleo da literatura que envolve o testemunho. Segundo Marcio Seligmann Silva, Benjamin mostrou estar à frente da sua época, sendo considerado o pensador mais instrumentalizado na leitura de textos de testemunho; sendo aquele que melhor refletiu sobre a História na sua escritura:

Benjamin reafirmou a força do trabalho da memória: que a um só tempo destrói nexos e (re) inscreve o passado no presente. Essa nova “historiografia baseada na memória” testemunha tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do presente. (SILVA, 2003, p.389)

Carlos Heitor Cony, como testemunha dos anos de repressão da ditadura militar, deu voz a um narrador ficcional para contar parte de sua própria experiência. O autor expõe em sua narrativa, através de Beto, o drama por ele vivido na prisão, sua percepção diante dessa dura realidade, bem como seus sentimentos “Eu me sentia menos homem na proporção em que via o resultado do que um homem pode fazer com outro homem”. (CONY, 2008, p. 46) Logo em seguida, Beto descreve seu estado no cárcere: “Naquela noite, nem cheguei a dormir no chão ao lado do catre. Nenhuma vontade de me esticar naquele espaço pequeno, sujo, cheirando a sangue podre... meu companheiro de tempos em tempos, mesmo dormindo gemia mais alto”. (CONY, 2008, p.49) No autor, predominam estas lembranças, o qual tenta libertar-se através da escrita.

A trama narrada pelo narrador /protagonista sustenta a idéia de um triângulo amoroso que inicia em seu envolvimento com Iracema, a causa de sua permanência no movimento revolucionário. Ela fica com Jorge Marcos, que abandona a batina para viver sua paixão. Beto diz: “Criamos um universo a três que nos bastava. E nos redimia da loucura do sonho e da chatice da realidade”. O título do livro justifica-se com o seguinte trecho: “não tínhamos nada a conversar em especial, bastava que ficassemos juntos e o diálogo interior se formava, sem necessidade de palavras”. (CONY, 2008, p.28) O relacionamento entre o três se dá sem palavras, somente olhares e decepções. O título também sugere a impossibilidade de se falar diante de um sistema político tão rígido, não se podia falar, reivindicar, expor o pensamento. Era preciso calar, e mesmo cheio de vozes, era preciso permanecer sem palavras.

O *Romance sem palavras* modaliza e literatura de

testemunho em grande parte da composição textual. A abordagem de Silva quanto às articulações desta literatura, diante do trauma, considera

de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; de outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante dos fatos como também - e com um sentido muito mais trágico- a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua conseqüente inverossimilhança [...] o testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade[...] o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos. (SILVA, 2003, p. 46- 48)

Beto, por fim, expõe um sentimento de desgosto e desilusão; percebeu que se deixou levar pela força implacável do tempo e da história. Dá-se conta de que seu amor não foi consumado. Seu amigo Jorge Marcos perdeu o sentido da vida, o reaparecimento inesperado de Raul ao lado de Iracema lhe ocasionou desilusão intelectual. Nessa situação, ele se dá conta de que o período revolucionário e o autoritarismo de esquerda em nada puderam reverter a ordem dos fatos.

Sendo assim, fica explícito que *Romance sem palavras* se vale das estratégias do gênero literatura de testemunho. Através de fragmentos comprova-se a representação dos efeitos da contenção ao ser humano, o qual limita sua vida e vontade de mudança devido a perseguições, tortura e prisão. Neste, os elementos ficcionais e "reais" fundem-se, ou seja, na composição do texto literário, há tanto o envolvimento da história em seu contexto quanto o da literatura no texto. O romance de Carlos Heitor Cony apresenta um verdadeiro jogo entre o real e o imaginário, demonstrando uma tensa fronteira que existe entre a forma literária e a experiência vivida.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In _____. *Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- CONY, Carlos Heitor. *Romance sem palavras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1999.
- DAL BELLO, João Alfredo. História e literatura: referências e irreverências. In: _____. *Letras*. Curitiba: Editora da UFPR, 1998. p.21- 33.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*.. Tradução Walter Dutra. 2. ed. São Paulo: Martins, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- NOGUEIRA, Arnaldo. Releituras: resumo biográfico e bibliográfico: Carlos Heitor Cony, 2010. Disponível em <http://www.releituras.com/cony_bio.asp>. Acesso: 17 Set. 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da História e da Literatura. In: _____. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- SILVA, Márcio Seligmann (org). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.